

## Conexão política em espaços urbanos: estudos etnográficos sobre atuações de parlamentares na cidade do Rio de Janeiro

Laís Salgueiro Garcez, Mayã Martins e Patrícia Soares Vieira

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1519>

DOI: 10.4000/pontourbe.1519

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Laís Salgueiro Garcez, Mayã Martins e Patrícia Soares Vieira, « Conexão política em espaços urbanos: estudos etnográficos sobre atuações de parlamentares na cidade do Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1519> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1519

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Conexão política em espaços urbanos: estudos etnográficos sobre atuações de parlamentares na cidade do Rio de Janeiro

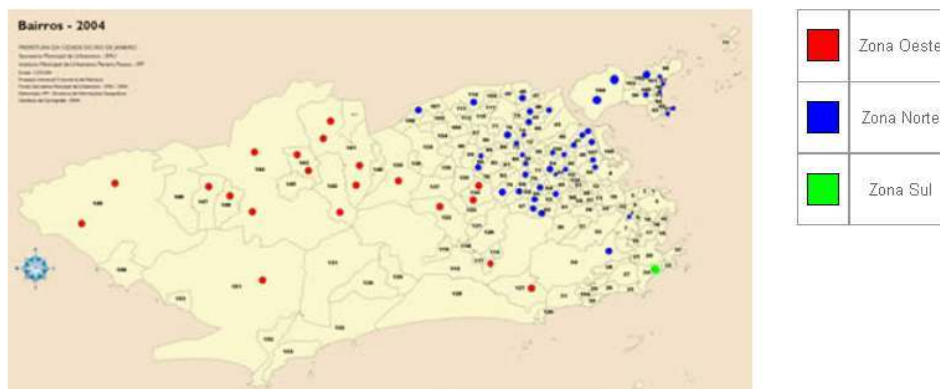
Laís Salgueiro Garcez, Mayã Martins e Patrícia Soares Vieira

---

- 1 Como estudantes de Ciências Sociais da cidade do Rio de Janeiro, percebemos em jornais e no nosso cotidiano a crescente atuação de Centros Sociais mantidos por parlamentares. Apesar dos dados mostrarem a proliferação dessas unidades de atendimento (Kuschnir, 2007a), existem poucos trabalhos sistemáticos sobre o tema (embora alguns estudos de caso tenham sido realizados, como por exemplo, o de Siqueira, 2006). Nosso interesse contempla esse fenômeno da região metropolitana do Rio de Janeiro que apresenta muitos desafios a serem superados pelos pesquisadores através da produção de novos dados a partir do trabalho etnográfico.
- 2 Antes do início da pesquisa, os dados disponíveis mostravam esses estabelecimentos como locais em que se instituiu um modo específico de relação entre políticos e população, caracterizado como assistencialista pela mídia e pelo discurso de alguns parlamentares. O presente trabalho buscou aprofundar o entendimento dessas relações levantando novas interpretações sobre o fenômeno e também evidenciando suas particularidades no caso da metrópole carioca.
- 3 A pesquisa possui como campo privilegiado a cidade do Rio de Janeiro que, por seu caráter metropolitano, está marcada pela heterogeneidade, fragmentação e diversidade das experiências sociais. Mapas subjetivos da metrópole seguem certa “organização moral”, ou seja, delimitam “regiões morais” nos termos de Robert Park (Velho, 2007), com base nos hábitos, costumes e estilos de vida de seus habitantes. Podemos perceber como áreas físicas delimitadas da cidade podem ser também caracterizadas por laços sociais específicos, estando repletas de significados morais que diferem e dialogam entre si, constituindo “pedaços” urbanos cujos frequentadores se reconhecem através de padrões

e códigos de comunicação configurados perante as formas de sociabilidade, apropriação e significação do espaço (Magnani, 2002).

- 4 Dentro dessa convivência de diferentes mapas e códigos de significação da realidade, vemos os parlamentares como mediadores fundamentais entre diferentes níveis de cultura, representando na esfera pública os dramas de seus eleitores. Através da análise dessas interações, podemos compreender as motivações e disposições de atores sociais cuja atuação está diretamente vinculada à atividade política em nossa sociedade (Carneiro e Kuschnir, 1999).
- 5 No vínculo dos políticos com as “regiões morais” onde atuam, os laços com a população estão sendo constantemente atualizados através dos atendimentos prestados nos Centros Sociais, revelando uma relação entre a organização do espaço social e um modo de fazer política (Kuschnir, 1999: 93). Como exemplo, há o trecho de uma música apresentada por frequentadores de um dos Centros Sociais da vereadora Lucinha, que atrela sua imagem à área onde atua: “Viemos apresentar a candidata do lugar. Há dez anos ajudando a nossa vida melhorar. 45620 é candidata popular”.
- 6 Nesta pesquisa buscamos realizar estudos de caso envolvendo diversos Centros Sociais mantidos por vereadores e deputados estaduais do Rio de Janeiro. Como estratégia metodológica, na fase inicial da pesquisa foram sistematizados os resultados eleitorais por Zona, posteriormente georeferenciados de modo a gerar cartogramas individuais de cada parlamentar (municipal, estadual e federal) do Rio de Janeiro. Na segunda fase foram iniciados três procedimentos: a) levantamentos sistemáticos qualitativos dos modos de conexão entre parlamentar e população, com visitas aos gabinetes, escritórios políticos e Centros Sociais; b) levantamentos sistemáticos de fontes de imprensa e Internet sobre o assunto, bem como síntese dos mesmos; c) estudos de caso etnográficos com três grupos políticos (Kuschnir, 2007a).
- 7 Nos levantamentos qualitativos dos modos de conexão entre parlamentar e população efetuamos ligações e visitas aos gabinetes da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, com a intenção de descobrir quais vereadores possuíam algum Centro Social. Para isso alegávamos a necessidade de atendimento médico ou jurídico. Na maioria dos gabinetes recebíamos algum tipo de “encaminhamento médico”, evidenciando que muitos mantêm alguma ligação com hospitais ou casas de saúde públicos. Do total de 23 vereadores que possuem 64 Centros Sociais, ligamos para todos e visitamos onze instituições. Contatamos, igualmente, escritórios políticos e organizações não-governamentais de parlamentares.



### Mapa da cidade do Rio de Janeiro e os Centros Sociais marcados por Zona

Fonte: LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA URBANA (LAU/IFCS/UFRJ), KUSCHNIR, 2008.

- 8 Através dessas ligações e visitas a gabinetes, escritórios políticos e ONGs foi possível perceber que a fundação dos Centros Sociais datam dos anos 1983 a 2008, estando 20 localizados na Zona Oeste, 43 na Zona Norte e apenas 1 na Zona Sul do Rio de Janeiro, área de perfil mais urbanizado e com um nível sócio-econômico elevado. Dentre os serviços prestados, os mais comuns são os atendimentos médicos[2]. Entre os documentos necessários para o cadastro nos Centros Sociais predominam o Registro Geral e o comprovante de residência. Apenas três Centros exigem título de eleitor para o cadastro. Em relação às regras que regulam esses locais, é praticamente absoluta a gratuidade dos serviços. Dos parlamentares patronos de Centros Sociais, pelo menos 3 realizam alguma “ação social” itinerante e 7 prestam atendimentos pessoais à população nos Centros. Dos 27 parlamentares que não possuem um Centro Social, pelo menos 3 realizam “ações sociais” de rua, no mínimo 11 atendem à população no gabinete da Câmara Municipal, encaminhando ofícios, e 7 possuem “escritório político” fora da CM.
- 9 Nos estudos de caso etnográficos, cada uma das pesquisadoras estudou um vereador ou grupo parlamentar da cidade do Rio de Janeiro que possui Centro Social. São eles: Jorge Pereira (PT do B/vereador) e Graça Pereira (DEM/deputada estadual), estudados por Laís Salgueiro; Lucinha (PSDB/vereadora), por Mayã Martins; Renato Moura (PTB/vereador), por Patrícia Soares. Devido ao espaço limitado apresentaremos uma amostra da análise de trajetórias individuais de parlamentares, associada ao mapeamento das redes sociais que os rodeiam e sustentam, o que permitiu observar a multiplicidade de percepções e valores associados à prática política.
- 10 O estudo de caso realizado pela pesquisadora Laís Salgueiro concentra-se na Ilha do Governador, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que é formada por 15 bairros. Espalhados nesses bairros encontram-se 10 Centros Sociais do casal de políticos que “trabalha” na região há 25 anos, Jorge e Graça Pereira. Jorge Pereira é vereador pelo PT do B e foi eleito, em 2004, para seu quinto mandato consecutivo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro com cerca de 45.000 votos. Nas últimas eleições foi reeleito com 33.280 votos. Graça Pereira é deputada estadual pelo DEM desde 1999 e, nas eleições de 2006, obteve 51.255 votos.
- 11 O casal Pereira começou seu trabalho doando alimentos e fazendo atendimento médico a creches da Ilha do Governador. Em 1983 fundaram seu primeiro Centro Social chamado de “Grupo Comunitário Equipe Jorge Pereira” (GCE) e atualmente patrocinam 8 creches dentro da Ilha e 2 postos de atendimento médico (1 na Ilha e outro no Complexo da Maré – comunidade carente vizinha da região). Todos os Centros Sociais encontram-se nos locais de maior baixa renda da região. As creches funcionam em horário integral e têm entre 100 e 150 crianças matriculadas por ano. O posto de atendimento médico localizado na Ilha fornece cardiologia, clínica médica, fisioterapia, ginecologia, laboratório de análises clínicas, odontologia, oftalmologia, pediatria e psicologia. Além disso, os parlamentares mantêm 2 “grupos de artes”, que levam o nome da deputada, sessão de massagem e yoga, principalmente para a terceira idade, convênio com um clube esportivo da região e outras formas de atendimento ao público, tanto nos gabinetes quanto nos Centros Sociais. Como explicou uma assessora: “todo o trabalho deles é de atendimento”.

- 12 O posto de atendimento localizado na estrada principal da Ilha do Governador é referência para os moradores locais. Os Pereira já tiveram outros postos dentro e fora da Ilha, que foram fechados ou tornaram-se creches. Portanto, atualmente, concentram-se neste prédio todos os serviços médicos, recebendo também pessoas de fora da Ilha. Conforme foi dito à pesquisadora, para fazer o cadastro dos usuários do Centro Social é pedido somente nome, data de nascimento e endereço. Com essas informações monta-se um banco de dados para mandar cartões de aniversário, por exemplo, assim como para fazer tabelas mensais de controle de atendimentos. Muitos frequentadores que gostam dos Pereira dizem que “as pessoas [outros usuários] são muito ingratas”, pois devido à dimensão do trabalho realizado esses políticos deveriam ter “muito mais votos ainda”.
- 13 De acordo com as conversas que a pesquisadora Laís Salgueiro teve durante o trabalho de campo, os *Grupos de Artes Graça Pereira* foram fundados pela mãe da deputada. Um deles recebe somente pessoas da terceira idade e no outro não há critério de idade. Há aproximadamente 200 pessoas matriculadas em cada um. Durante o ano são feitas entregas de diplomas e festas em datas comemorativas, muitas vezes com a presença da deputada. Todas as professoras se apresentam como voluntárias e a maioria começou como aluna. Atuam de forma alternada, podendo ser alunas numa determinada aula e professoras em outra. Os funcionários tanto das creches quanto dos centros sociais recebem camisas com o nome do Grupo Comunitário e o dos Pereira. Em época de eleições eles explicam que se adequam à lei eleitoral, retirando seus nomes de placas, uniformes e cartões. Para os alunos das creches não pode ser pedida nenhuma ajuda de custo para a troca dos uniformes.
- 14 Numa entrevista com um dos assessores dos políticos foi dito que as creches de Jorge e Graça Pereira recebem 80% dos seus recursos de convênios com a Prefeitura do Rio, sendo cerca de R\$130,00 por criança. Em troca devem reservar 20% de suas vagas para o 4º Conselho Regional de Educação (CRE). Esse financiamento motiva diversas “acusações” nos meios políticos e jornalísticos, sob a alegação de obtenção de benefícios eleitorais por meio de verbas públicas. Neste caso não há uma separação clara entre o que é público e o que é privado. Os papéis de cada esfera se acomodam de acordo com as situações.
- 15 Com um trabalho bem estruturado já se pode fazer um recorte espacial da representação política dos Pereira na cidade do Rio de Janeiro. Os Centros Sociais são vistos por seus usuários e equipes como uma forma de fazer política conhecida por eles. Ou seja, regiões específicas da Ilha do Governador, junto com outras regiões que compartilham os mesmos valores sobre a prática política, formam um circuito que legitima esta cultura. Portanto, a organização do espaço urbano é feita de acordo com a visão de mundo dos atores sociais.
- 16 No estudo de caso realizado pela pesquisadora Mayã Martins focalizou-se o trabalho da vereadora Lucinha, pertencente ao PSDB, que está em seu terceiro mandato. Nas eleições de 2008, Lucinha foi a vereadora mais votada, com 68.799 votos. Nas eleições de 2004, foi a segunda mais votada, com cerca de 70.000 eleitores, ou seja mais de 85,7% dos votos da Zona Oeste. Nessa parte da cidade a vereadora possui 4 dos seus 5 Centros Sociais (Campo Grande, Inhoaíba e dois em Santa Cruz). O quinto Centro Social está localizado na Zona Norte, no bairro Anchieta.
- 17 A maioria dos dados de pesquisa foi obtida através da observação de faixas e cartazes, audição de conversas das quais Mayã não participava como interlocutora, além de conversas informais que manteve com não frequentadores, funcionários, usuários e alunos do Centro Social da vereadora Lucinha localizado no bairro Campo Grande, Zona

Oeste do Rio de Janeiro. Todos os funcionários sabiam que Mayã estava no Centro Social Lucinha como pesquisadora, contrariamente à maioria dos alunos e usuários. Para estes últimos, a condição de pesquisadora gerava ora indiferença ora rejeição, o que acreditamos dar-se por dois motivos: incompreensão do objetivo da pesquisa (o que pode causar certo sentimento de inferioridade por parte do interlocutor) e percepção de que Mayã não fazia parte das redes de relações sociais usuais do Centro Social. Tanto as conversas como a observação de faixas e cartazes permitiram perceber muitas regras e fronteiras que regulam a administração do local.

- 18 A pesquisa focou o primeiro Centro Social Lucinha, no bairro Campo Grande, fundado há 11 anos e desde 2002 legalizado. Neste Centro trabalham, dentre professores, recepcionistas e equipe de serviços gerais, mais de 20 funcionários, os quais dizem ser pagos pelos serviços que executam, prestando 3 tipos de atendimento médico, oferecendo 15 cursos, dando orientação jurídica e atendimento direto com a vereadora nas manhãs de sexta-feira. Quanto aos cursos de cabeleireiro, manicure e entrelace (técnica utilizada para trançar cabelos), os alunos têm a obrigação de retribuir com os serviços que aprendem nas ações sociais dos Centros, denominadas “Pertinho de Você”, que ocorrem em regiões empobrecidas do bairro conhecidas como “comunidades”. Nelas há, além dos serviços mencionados, recreação infantil e aplicação de flúor em crianças, esta realizada pela própria vereadora. Quando as ações sociais estão próximas do fim, a vereadora Lucinha chega ao local e conversa com moradores. As fotos desses encontros, assim como as de outros eventos, são expostas nos murais do Centro Social.
- 19 O Centro Social estudado está localizado em uma área comercialmente privilegiada, próxima ao Calçadão de Campo Grande (área comercial com fluxo restrito para veículos), ao *Mercado Popular de Campo Grande* e aos serviços de saúde, educação profissionalizante e lazer do bairro. Assim, em meio a tantas alternativas aos serviços do Centro Social, podemos nos questionar sobre os motivos que levam as pessoas a freqüentar esse local. A ausência de recursos financeiros é uma das duas principais razões expostas por alunos, usuários e funcionários. A outra resposta é a de que os cursos e assistência são de boa qualidade, sendo que a qualidade aparece como desvinculada da estrutura do Centro ou da disponibilidade de outros aparatos materiais, sendo relacionada à afetividade e às idéias de amizade e respeito. Como se pode observar, por exemplo, nesta frase de uma freqüentadora do Centro Social: “Aqui é muito melhor que nos lugares pagos ou nos postos de saúde, porque todo mundo se conhece”. Assim como na fala de outra freqüentadora sobre uma médica que atende no local: “[Ela é] muito paciente. Muito melhor que essas outras do hospital público. Porque às vezes você chega estressada e ainda te tratam com ignorância. Aqui não, é de qualidade. Gosto muito daqui”.
- 20 Até o momento foi possível perceber como alunos e usuários do Centro Social se identificam e se apropriam do projeto político da vereadora Lucinha, sempre presente no Centro Social. Deste modo, o objetivo desse projeto não é apenas o ganho de votos, mas a eleição de uma ideologia que abrange todo um universo de valores, identidades e objetivos interligando múltiplas redes sociais.
- 21 O vereador Renato Moura, parlamentar estudado por Patrícia Soares, começa sua trajetória como comerciante no ramo de óticas na região de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde nasceu e mora até o momento (2008). Sua rede de relações inclui políticos de renome na região, como André Luiz (deputado federal cassado) e Eliana Ribeiro (deputada estadual). A inauguração do seu Centro Social ocorre em 2006 e traz a marca do vereador frente a outros adversários da região, que também já possuíam serviços de

- atendimento à população. Atualmente, na região podem ser contabilizados quatro centros sociais e pelo menos dois escritórios de outros políticos que atuam de forma semelhante. O vereador está no seu primeiro mandato, foi eleito pelo PTB com 14.419 votos e migrou no ano passado para o PTC. Neste ano foi reeleito por este partido com 18.012 votos.
- 22 O Centro Social Renato Moura fica no bairro de Bangu, mais precisamente no sub-bairro Rio da Prata. Sua localização abrange os bairros do Rio da Prata e Senador Câmara, bem como as favelas que fazem parte destes bairros. O Centro do vereador Renato Moura fica na rua principal do bairro (Rua Rio da Prata), onde há também outros estabelecimentos, como lojas de ferragens, uma casa lotérica, um supermercado de grande porte, academia de ginástica, clínicas particulares, colégios particulares etc. O bairro é estritamente residencial, tendo a Rua Rio da Prata o papel de concentrar suas atividades comerciais. Nesta rua circulam cinco linhas de ônibus, como também kombis que fazem “lotada”. No site do vereador há a informação de que em um ano de existência seu Centro Social atendeu cerca de 30 mil pessoas.
- 23 O Centro conta hoje com atendimento médico, curso de informática, inglês e telemarketing, assistência jurídica, ginástica, ballet, jazz e outras atividades. Normalmente o serviço é gratuito, sendo necessário somente preencher um cadastro com dados pessoais e levar documentos para se marcar um atendimento. Em alguns casos é preciso pagar uma taxa de dez reais, como para fazer algum curso ou comprar material. Há uma equipe de cerca de vinte funcionários (entre profissionais e atendentes) e um coordenador que faz visitas periódicas.
- 24 Patrícia visitou o Centro Social e também o gabinete do vereador na Câmara Municipal para coletar os dados. Conversou com funcionários, assessores e observou a convenção do partido na região. Nesta, ficou claro que pelo menos três candidatas daquela área mantinham algum tipo de atendimento à população e incorporavam ao seu discurso a expressão “fazer o bem aos outros”, apresentada como um valor, juntamente com os princípios cristãos da solidariedade e ajuda, pelo presidente nacional do partido, Daniel Tourinho.
- 25 Durante as visitas ao Centro Social foi possível observar o vai-e-vem tanto das pessoas que utilizavam os serviços prestados como das que pediam informações sobre cursos, atendimentos etc. Ficou visível que o público atendido se concentra no entorno do local ou chega ao Centro de automóvel. Pôde ser observada uma intensa movimentação de idosos, que vinham para as sessões de fisioterapia trazidos por parentes (vários carros paravam e saíam conforme os atendimentos), de crianças da aula de ballet, esperando por seus responsáveis para ir embora (às vezes chegavam de carro ou bicicleta), e de alunos dos cursos que tinham em mãos o material necessário para a aula. Normalmente poucas pessoas ficavam na sala principal, o que a tornava um lugar de passagem e onde somente permaneciam mais tempo os funcionários do Centro Social.
- 26 Durante uma conversa com uma senhora foi possível notar o carinho com que se dirigia às funcionárias da recepção, “Elas são ótimas, muito carinhosas”, e à professora do curso de informática: “A professora é muito paciente”. O relacionamento entre os funcionários é permeado por demonstrações de afeto, como abraços ou cobranças afetuosas, como “A Neide?! Ela não liga mais pra mim”, no dizer de um funcionário. O próprio Renato Moura também expressa esta interação quando fala do projeto “Cinema em Movimento”, em que se leva gratuitamente ao “CineArte” Bangu (cinema inaugurado pelo vereador) crianças das redes pública e privada de ensino, grupos das chamadas comunidades e membros das associações de moradores.



- 27 Embora a pesquisa se encontre em estágio intermediário, concluímos a partir dos dados etnográficos obtidos que esses Centros Sociais mobilizam redes de relações sociais baseadas em trocas e afetividades fundamentadas em um projeto político que demarca espaços físicos e simbólicos, abrangendo valores e identidades de diversas procedências. Ao observarmos o “cotidiano das interações dos vereadores com suas equipes, os moradores e usuários do sistema, os bairros e o contexto urbano onde se desenvolvem os Centros Sociais” (Kuschmir, 2007a), foi possível perceber que a representação política está relacionada – pelo menos num certo plano – a valores morais que englobam redes de relações fundamentadas nos conceitos de honra, reconhecimento e gratidão. Assim, relações de troca baseadas em relações pessoais são fundamentais para a regulação do funcionamento das instituições e práticas políticas.
- 28 Fazendo uma conexão entre os estudos de caso apresentados podemos perceber algumas semelhanças e diferenças. Estas últimas caracterizam-se pelos modos específicos de organização do trabalho como, por exemplo, as regras referentes ao uso de uniformes, documentos necessários para cadastros, forma de acesso aos vereadores, entre outros. Percebemos, contudo, que o Centro Social não é apenas um local de prestação de serviços, mas também um meio propício para estabelecer vínculos afetivos e de convivência com pessoas que já faziam parte daquele cotidiano antes da matrícula no Centro Social, sendo esse contato prévio estabelecido, principalmente, através do pertencimento a determinados credos e relações de vizinhança ou parentesco. Por outro lado, a grande rotatividade de usuários não garante que todos se conheçam. Alguns passam a frequentar o Centro Social sem possuir contatos anteriores, mas a partir desse momento começam a se formar novas relações sociais. É interessante observar como o próprio grupo se percebe. Por exemplo, nos estudos de caso com a vereadora Lucinha, as pessoas, em geral, se vêem como um grupo coeso, como se pode observar na fala de um frequentador: “Aqui todo mundo é amigo, unido. Mesmo quem não conhece ninguém, chegando aqui logo faz amizades”. Já no estudo de caso com os Pereira, muitas usuárias referem-se entre si através da categoria “amiga”.
- 29 Após nos integrarmos aos grupos estudados e, de certa forma, passarmos a fazer parte dessa “família”, percebemos que muitos dos nossos preconceitos referentes ao funcionamento dos centros sociais foram desconstruídos. Por exemplo, que o local seria destinado somente a pessoas desfavorecidas financeiramente. Encontramos nos Centros Sociais alunos e usuários que os frequentam porque sentem que o atendimento é mais amistoso ou porque um amigo já faz uso dos serviços. As razões são diversas e a ausência de recursos financeiros é uma delas, mas, certamente, não é a única. Essa questão pode até mesmo ser percebida através do caráter dos serviços prestados, pois muitos não são de primeira necessidade nem ao menos são encontrados nos serviços da rede pública. Por fim, sentimos que, mesmo inseridas no campo estudado, a dinâmica do cotidiano dos funcionários e frequentadores dos Centros Sociais não propiciou nossa total inclusão naquele universo, que, apesar de nos ser familiar, continuou, ocasionalmente, a apresentar-se de modo distante (Velho, 1978).
- 30 Esperamos que a continuidade da pesquisa permita aprofundar essa reflexão, de modo a respondermos as questões mais gerais do projeto.



---

## BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO, Leandro Piquet e KUSCHNIR, Karina. 1999. "As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 24. Rio de Janeiro, p. 227-250.
- KUSCHNIR, Karina. 1999. "Política, cultura e espaço urbano", in: Gilberto Velho (org.), *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. 2007a. Antropologia urbana: política, clientelismo e cotidiano. Projeto de pesquisa do Laboratório de Antropologia Urbana (LAU) do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, [www.lau-ufrj.blogspot.com](http://www.lau-ufrj.blogspot.com).
- \_\_\_\_\_. 2007b. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, n. 49. São Paulo.
- SIQUEIRA, RAÍZA ALVES. 2006. "Eu não dou o peixe pronto, dou a vara de pescar": um estudo sobre o cotidiano de um membro da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Iuperj.
- VELHO, Gilberto. 1978. "Observando o Familiar", in: *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 2007. "Metrópole, cultura e conflito", in: *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

## RESUMOS

O presente trabalho é resultado de pesquisas realizadas nos períodos 2007/2 e 2008/1, com apoio de bolsas de iniciação científica (PIBIC/UFRJ e PIBIC/Faperj), como sub-projetos na linha de pesquisa Política e Cotidiano do Laboratório de Antropologia Urbana (LAU), coordenado pela professora Karina Kuschnir. O objetivo mais amplo desta linha é compreender práticas e representações acerca da política por parte de diferentes atores sociais em contextos urbanos. Como fim específico visa "investigar, mapear e analisar as formas de conexão entre políticos e população, especialmente na forma de Centros Sociais mantidos por parlamentares no Rio de Janeiro, focando suas relações com três redes sociais: políticos e suas equipes; moradores e usuários do sistema; bairros e contexto urbano onde se desenvolvem os Centros" (Kuschnir, 2007a). Deste modo, a pesquisa pretende contribuir para a compreensão das repercussões dos Centros Sociais para as representações e ações políticas na sociedade contemporânea. Estamos diante de novas formas de organizar as relações entre políticos, população, instituições e espaço urbano? Que formas são essas e qual a relação entre concepções sociais mais amplas e as categorias em jogo? (Kuschnir, 2007b).

## AUTORES

**LAÍS SALGUEIRO GARCEZ**

Graduanda em Ciências Sociais (UFRJ)

**MAYÃ MARTINS**

Graduanda em Ciências Sociais (UFRJ)

**PATRÍCIA SOARES VIEIRA**

Graduanda em Ciências Sociais (UFRJ)